O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 17 | Nº 51 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.10840205

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

AVALIAÇÃO LEXICOMÉTRICA DE TWEETS SOBRE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Pablo Mateus dos Santos Jacinto[1]

Adrielle de Matos Borges Teixeira[2]

Resumo

A pandemia da COVID-19 modificou práticas, formas de acesso e experiências de escolarização, as quais foram compartilhadas extensamente nas redes sociais virtuais. Este estudo objetivou analisar a experiência de ensino remoto emergencial durante da pandemia da COVID-19, levantando elementos para compreender seu impacto na adesão, engajamento e permanência discente na educação. Para tanto, foram selecionadas postagens do Twitter do primeiro semestre letivo de 2021 e coletadas através da combinação dos descritores "EaD", "Ensino Remoto", "COVID" e "Coronavírus". Obteve-se 2.921 resultados que passaram por análise lexicométrica com auxílio dos softwares IRaMuTeQ e MAXQDA. Como resultado, formulou-se quatro categorias: Processos de cuidado e enfrentamento à COVID-19; Experiências negativas com a COVID-19; Percepções quanto à experiência da EaD na pandemia; e Sistema de ensino. As percepções apresentaram cunho prioritariamente negativo, enfatizando as barreiras decorrentes dos métodos e forma de execução do ensino remoto emergencial. Essas experiências sugerem obstáculos à adesão e a permanência de estudantes aos processos educacionais durante a pandemia. Propõe-se novos estudos, através de recursos metodológicos que possam selecionar com maior precisão seus participantes, já que a coleta em grandes redes sociais apresenta esse desafio.

Palavras-chave: COVID-19; Educação a Distância; Engajamento; Pandemia; Persistência.

Abstract

The COVID-19 pandemic has modified practices, access methods, and schooling experiences, which have been extensively shared on virtual social networks. This study aimed to analyze the experience of emergency remote teaching during the COVID-19 pandemic, identifying elements to understand its impact on student enrollment, engagement, and retention in education. To do so, posts from Twitter from the first academic semester of 2021 were selected and collected using the descriptors "Distance Education" "Remote Education," "COVID", and "Coronavirus". A total of 2,921 results were obtained and underwent lexicometric analysis using the IRaMuTeQ and MAXQDA software. As a result, four categories were formulated: Processes of care and coping with COVID-19; Negative experiences with COVID-19; Perceptions regarding the experience of remote teaching during the pandemic; and Education system. The perceptions were predominantly negative, emphasizing the barriers arising from the methods and execution of emergency remote teaching. These experiences suggest obstacles to student enrollment and retention in educational processes during the pandemic. New studies are proposed using methodological resources that can more accurately select participants, as collecting data from large social networks presents this challenge.

Keywords: COVID-19; Distance Education; Engagement; Pandemic; Persistence.

[1] Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em Psicologia. E-mail: pablo.jacinto@uesb.edu.br

[2] Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: adriellematos13@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 gerou impactos em todas as áreas sociais. No Brasil, a educação ganha destaque já que, principalmente no nível básico, não havia expertise nem políticas públicas amplas que adotassem e aprimorassem formas remotas de ensino. Ademais, em cenário de pânico generalizado, desconhecimento dos efeitos do coronavírus, vivências de luto, as manifestações emocionais da população decorrentes desse contexto deveriam ser levadas em consideração na prática pedagógica.

Implementou-se, no auge da pandemia (2020-2021), o ensino remoto emergencial (ERE), tomando de empréstimo metodologias da Educação a Distância (EAD). No entanto, ainda eram carentes de estudos que elucidassem os seguintes fatores envolvidos: a) o método de ensino adotado, incluindo o planejamento, ações instrucionais e seus impactos na educação; b) os recursos utilizados, incluindo o ambiente virtual de aprendizagem; c) o engajamento discente, seus afetos e cognições frente ao modelo; e d) o contexto histórico-social da sua ocorrência. Ou seja, este estudo se justifica pela lacuna empírica sobre o tema, no período de sua elaboração, bem como pela demanda social de compreensão e intervenção sobre os impactos da pandemia na educação.

Nesse sentido, este estudo teve por objetivo analisar a experiência de ensino remoto emergencial durante da pandemia da COVID-19, levantando elementos para compreender seu impacto na adesão, engajamento e permanência discente na educação. Para tanto, foram analisadas manifestações na rede social Twitter acerca da experiência com o ERE. Pretendeu-se, adicionalmente, identificar as principais percepções compartilhadas entre os usuários da rede social e avaliar possíveis impactos na vinculação e adesão desse público no modelo de ensino remoto adotado durante a pandemia.

Adotou-se um método exploratório, que teve como dados os pronunciamentos de usuários do Twitter sobre Educação a Distância e Ensino Remoto Emergencial durante o primeiro período letivo de 2021. Foram coletados 2.921 tweets entre 04 de março e 01 de julho de 2021, utilizando os descritores "EaD" ou "Ensino Remoto" e "COVID" ou "Coronavírus". Os dados foram processados com o auxílio do MAXQDA e IRaMuTeQ, organizados em planilhas e submetidos a análise lexicométrica. Procedimentos analíticos incluíram análise de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A CHD resultou em quatro classes de alta significância, cujas palavras foram utilizadas para categorização temática no MAXQDA, permitindo uma compreensão mais profunda dos tweets analisados.

Este artigo se organiza em introdução, seguida de seção de revisão da literatura sobre Educação a Distância e Ensino Remoto. Nesse tópico, buscou-se variar estudos nacionais e internacionais, revelando

proximidades e diferenças da experiência educacional na pandemia. Em seguida, apresenta-se uma seção de fundamentação teórica, explorando os principais conceitos trabalhados na pesquisa, quais sejam, adesão, permanência e engajamento educacionais. Após esse tópico, são detalhados os procedimentos metodológicos, seguidos dos resultados e discussões, nas quais se busca lançar uma análise dos dados coletados e categorizados com base nos conceitos utilizados. O texto finaliza com considerações finais referentes ao cenário pesquisado, explicitando limitações e implicações para futuros estudos.

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A PANDEMIA DA COVID-19

A Educação a Distância (EaD) no Brasil passou por grande expansão na última década, alavancada pelo ensino superior, técnico e extensionista. Justifica-se por ser uma alternativa barata, rápida, de alta capilaridade, e grande adesão da iniciativa privada, que concentra 90% das matrículas do ensino superior brasileiro (GIOLO, 2018).

Desde março de 2020, com o enfrentamento à pandemia da COVID-19 – Doença do Coronavírus 2019 (MARANHÃO; SENHORAS, 2020), medidas de isolamento social foram adotadas no Brasil. Dentre essas, observou-se a remotização do ensino, sendo flexibilizadas as regulamentações da educação brasileira no que tange às limitações de atividades realizadas a distância. Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 343, que dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19) (BRASIL, 2020). Desde então, apesar do avanço da vacinação, redução da ocupação de leitos hospitalares e da mortalidade, o que provocou experiências de retomada das atividades presenciais em algumas redes, o ensino remoto predominou na expectativa de acabar após o final da pandemia ou da real redução dos riscos.

Entende-se por Ensino Remoto Emergencial (ERE), o processo de substituição das atividades pedagógicas presenciais por remotas. Segundo Castro e Queiroz (2020), não se deve confundir o ERE com a EaD, sendo a segunda demarcada pela mediação pedagógica de ensino-aprendizagem planejada com métodos, estrutura e qualificação voltada a um ensino cujos atores se encontram em temporalidades e espacialidades variáveis. Embora o ERE se valha do acúmulo técnico e teórico da EaD, é marcado pela baixa adequação metodológica aos princípios da EaD, assumindo um caráter de “delivery” de atividades educacionais.

A prática desse método de educação apresenta desafios. O engajamento dos estudantes às atividades educativas, a flexibilidade, a demanda de autonomia, estabelecimento de rotina, e as dificuldades em realizar atividades que demandem concentração e assimilação de saberes sistematizados em currículo podem ser empecilhos para os discentes.

Diante dessa complexidade, a experiência dos estudantes em relação a essa modalidade tem sido alvo de investigação. Sit *et al*. (2004) constataram que estudantes avaliavam a EaD positivamente, como uma possibilidade de estudo de acordo com o ritmo de cada um, porém demandava responsabilidade para o aprendizado independente. Por outro lado, a maioria avaliou o método inadequado por enfraquecer as relações humanas, entendidas como necessárias no processo educacional, no suporte discente e desenvolvimento de discussões de grupo. A satisfação média com o modelo era de 56,7%.

Van Wart *et al*. (2020) identificaram sete fatores significativos, na perspectiva discente, que determinavam sucesso da EaD: modalidade básica online (preparação curricular e planejamento correspondente às atividades a distância), suporte instrucional (método e didática), presença de professores (disponibilidade e comunicação), presença cognitiva (engajamento discente nas atividades e materiais), conforto social online (ambiente não ansiogênico), modalidade interativa online (aproveitamento dos recursos interativos) e presença social (percepção da qualidade das relações entre estudantes). A boa execução desses fatores determinaria o sucesso da EaD.

No Brasil, estudos que avaliam a percepção de discentes quanto à EaD revelam considerações sobre vantagens e desvantagens desse método (LIMA; SOUZA; OLIVEIRA, 2021; LEITÃO *et al*., 2023). A flexibilidade do horário e a disponibilidade de acesso aos materiais foram os principais pontos positivos encontrados por Fonseca e Fernandes (2017) em estudo com universitários. Por outro lado, as autoras identificaram que os discentes apontaram a necessidade de autodisciplina, pouca interatividade, perduração das dúvidas e desmotivação como desvantagens, sendo a falta de tempo para realizar um curso presencial, e não o desejo primeiro de experimentar o método EaD, o fator motivador de 88% dos entrevistados para a realização do curso nesse formato.

Em método semelhante, Silva (2020) identificou que os discentes associavam a experiência em EaD ao desenvolvimento de competências, como: gerenciamento do tema, organização e disciplina. Porém, apresentavam dificuldades, principalmente com as atividades que demandavam uso de materiais para experimentos de laboratório e com o distanciamento do estudante quanto à realidade profissional, já que a maior parte dos postos de trabalho é presencial.

Em avaliação da experiência de estudantes do ensino básico sobre o ensino remoto na pandemia, Médici, Tatto e Leão (2020) observaram as seguintes dificuldades apontadas: conteúdos confusos, necessidade de estar em sala de aula, dificuldades com o horário, ambiente doméstico não favorável ao

estudo e a falta de acesso à internet. Quanto às vantagens da EaD, foram apontadas: possibilidade de organizar o horário, estar mais à vontade para estudar, poder estudar de modo intermitente, e a do conteúdo a estudar conforme suas prioridades. Os autores constataram uma disparidade nas respostas entre estudantes do ensino privado e público, que se manifesta na percepção geral da qualidade do ensino. Enquanto a maioria dos estudantes de escolas públicas (38,6%) avaliou a qualidade do formato como regular, estudantes de instituições privadas predominantemente (61,5%) avaliavam a qualidade como boa. Esses dados se assemelham a achados internacionais. Adnan e Anwar (2020) relataram a experiência de estudantes paquistaneses na graduação e pós-graduação, concluindo que países subdesenvolvidos não alcançam níveis desejados de desenvolvimento educacional com a EaD durante a pandemia, devido às desigualdades socioeconômicas que impactam no acesso e no engajamento discente.

Em suma, estudos relatam problemas observados no ensino remoto durante a pandemia, principalmente aos cursos pensados originalmente para serem presenciais. Observa-se, nesse sentido: dificuldade de acesso discente às tecnologias necessárias (MÉDICI, TATTO; LEÃO, 2020; NASCIMENTO *et al*., 2020; RIBEIRO JUNIOR *et al*., 2020); dificuldade com o manejo das TICs (SANTOS, 2020); necessidade de capacitação específica para docentes e melhoria dos *feedbacks* (GORDEEVA, 2021; REDIG *et al*., 2021); dificuldades de retenção de informações e concretização da aprendizagem no formato EaD (D'ÁVILA; MACHADO; RADEL, 2021); necessidade de atualizar e desenvolver novas estratégias de educação inclusiva (OLIVEIRA; SILVA; PEREIRA, 2021); maiores dificuldades dos agentes escolares em identificar problemas psicológicos, sociológicos e pedagógicos dos discentes (HARGAŠ; MATISKOVÁ; HARGAŠ, 2023); e agravamento dos problemas estruturais da educação pública brasileira, como carência de recursos materiais e falta de investimento no preparo docente (SILVA; SILVA, 2020).

ADESÃO, PERMANÊNCIA E ENGAJAMENTO EDUCACIONAL

É fundamental, portanto, compreender como os aspectos apresentados podem impactar na motivação discente e docente, reverberando na adesão dos estudantes ao modelo remoto, seu engajamento e persistência. O desequilíbrio desses fatores pode provocar a desistência do estudante do curso, configurando evasão. Habowski, Branco e Conte (2020) relatam que na EaD a evasão chega em média a 26,3% e podendo ser muito maior. A não presença física pode favorecer esse processo, além de dificultar a equipe docente de identificar a emergência desse fenômeno através de sinais e da comunicação com o estudante. As causas se estendem entre: fatores externos, como questões

financeiras, de saúde, trabalho e familiares; fatores institucionais, como currículo, método e estrutura; e características do estudante, como a existência de habilidades requeridas na EaD, saberes, desinformação e desencanto com a proposta educacional.

O termo “adesão” tem sido frequentemente utilizado no contexto da saúde, geralmente significando a vinculação e o cumprimento dos indivíduos aos processos de cuidado (por exemplo, um tratamento ou um grupo terapêutico). Na educação, Fiuza (2012) entende esse conceito em relação à escolha do curso, enquanto a permanência se refere à conclusão. Para garantir a permanência e conclusão, o estudante adota a persistência, que envolve a tomada de decisões que tornam possível o cumprimento do objetivo com o processo educacional. A autora acrescenta que a palavra "adesão" pressupõe relação e vínculo, e envolve a aceitação dos princípios do objeto a que se adere, englobando apoio, aprovação, reconhecimento, aceitação ou admiração por este. Assim como na compreensão utilizada na saúde, a adesão não é um processo passivo, requerendo engajamento contínuo do estudante.

O conceito de engajamento envolve a definição dos meios através dos quais e em quais circunstâncias o indivíduo consegue estabelecer um foco em relação ao cumprimento de um projeto ou uma atividade (VITÓRIA *et al.*, 2018). O engajamento acadêmico, portanto, envolve aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais do estudante perante um processo educativo em determinado contexto.

Por fim, no campo educativo tem se buscado compreender a relação entre a persistência do estudante e a conclusão de uma atividade acadêmica. Conectada com a adesão discente e o engajamento estabelecido perante o processo educacional, a persistência envolve a relação entre fatores intrínsecos ao estudante (modo que cada indivíduo lida com as adversidades, o estresse, como enfrentam o sucesso, estabelecem metas, etc.) e fatores extrínseco (método de ensino, questões socioeconômicas, motivadores externos, etc.). Assim, segundo Fiuza e Sarriera (2013) a adesão envolve a escolha e o vínculo inicial ao curso e a permanência engloba o desenvolvimento das atividades pedagógicas até a conclusão do curso, representando o sucesso escolar.

Torna-se, portanto, fundamental compreender a experiência das comunidades acadêmicas, especialmente estudantes, frente aos contextos educacionais, de modo a identificar entraves na adesão, engajamento e persistência discente e propor melhorias e formas de intervenção.

MÉTODO

Este estudo exploratório, de método misto, foi realizado a partir da análise de pronunciamentos dos usuários do Twitter na rede social. O Twitter é uma rede de comunicação breve, em formato de

microblog (UDDIN; IMRAN; SAJJAD, 2014). Não é voltada a temáticas específicas, sendo fonte de intermédio de múltiplas comunidades e interesses. Configura-se um espaço de acesso aberto, no qual os usuários exercem comportamentos vinculados ao cotidiano da rede (seguir, silenciar e bloquear outros perfis, dialogar, expressar emoções, dentre outros) e posicionamentos sobre o mundo não virtual. Desse modo, recentemente tem sido adotado como campo de investigação para as ciências sociais, sociais aplicadas, tecnológicas, educação e da saúde, com eficácia comprovada em métodos adaptados para esse fim (SINNENBERG *et al*., 2017; CARPENTER *et al.,* 2022).

Utilizou-se dados documentais primários públicos, sem tratamento teórico prévio, que consistiram em postagens no Twitter, coletadas semanalmente durante o período entre o dia 04 de março de 2021 e 01 de julho de 2021, correspondente ao semestre letivo 2021.1 na rede de educação brasileira, totalizando 18 semanas. Partindo do semestre 2020.1, quando houve a transição da educação presencial para remota no Brasil, os dados coletados correspondem ao terceiro semestre letivo ofertado nesse modelo por conta da pandemia. Essa etapa foi realizada com apoio do MAXQDA, que recuperou as publicações principais do Twitter (*tweets*), ignorando *retweets* e respostas, que continham os descritores ("EaD" ou "Ensino Remoto") e ("COVID" ou "Coronavírus"). A despeito de termos diferenciado os conceitos de EaD e ERE, percebeu-se na coleta que os participantes não pautam suas manifestações nessa contradição teórica. Desse modo, optou-se por agregar os resultados de ambos os descritores.

A coleta totalizou 2.921 *tweets*, que foram organizados em planilhas, extraídos e ajustados para compor o *corpus* de análise no IRaMuTeQ. O banco de dados original está disponibilizado no Open Science Framework (OSF) e pode ser acessado através do link <https://osf.io/t5qjv/?view_only=7016001060cd419cbccf5068fe6629e2> O *corpus* foi composto de 2.389 segmentos de texto (ST), cada qual com 40 formas lexicais. O *software* desconsidera formas não representativas e hápax (palavras que ocorrem uma única vez) e lematiza o texto, convertendo as variações das palavras em seu radical comum.

Os procedimentos desta pesquisa foram auxiliados pelos softwares MAXQDA e IRaMuTeQ. O primeiro facilitou o acesso aos dados e permitiu a visualização integral dos textos analisados, permitindo a criação de categorias, elaboração de sínteses e interpretação qualitativa. O segundo permitiu a análise lexicométrica e interpretação algorítmica dos textos, ao realizar cálculos estatísticos em cima do vocabulário do corpus analisado (SOUSA, 2021).

Após a coleta, utilizou-se os recursos de análise de similitude por coocorrência de palavras em ST e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), através do método Reinert. A análise de similitude é um recurso de construção gráfica da coocorrência de formas lexicais nos ST, demonstrando as principais conexões estabelecidas no texto. Já a CHD organiza as formas lexicais em função da

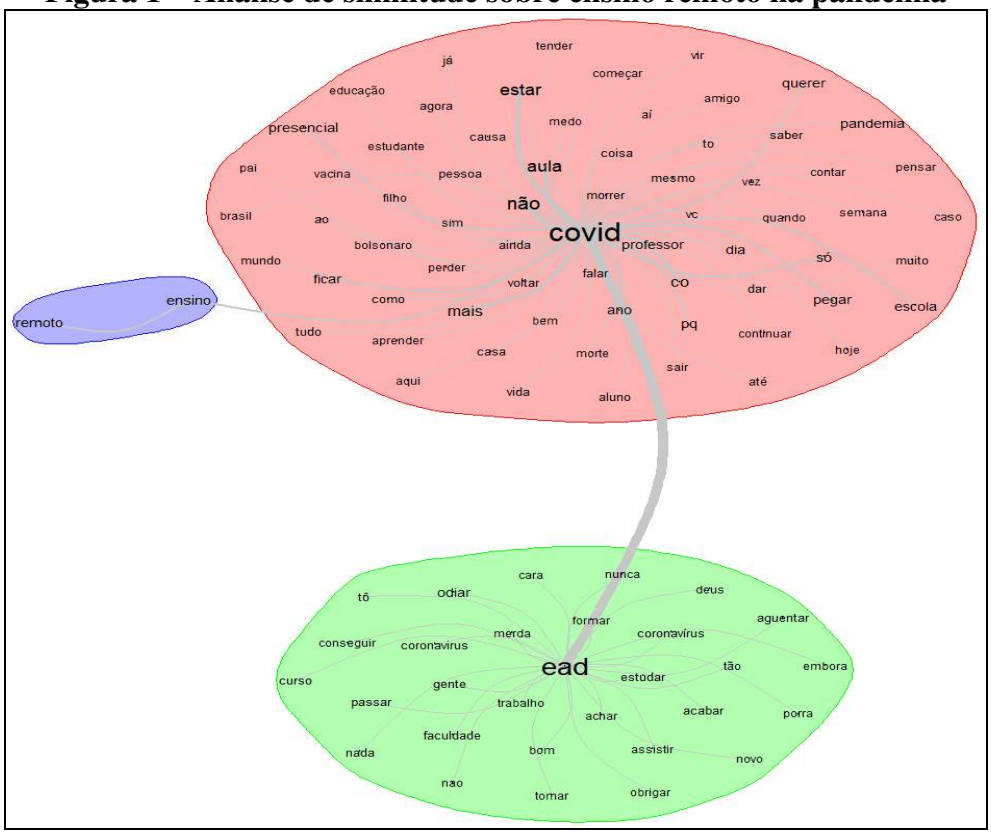
coocorrência em ST em agrupamentos (classes) empiricamente orientadas, evidenciando regularidades e aspectos comuns. Geram-se, portanto, categorias endógenas passíveis de interpretação pelo pesquisador.

A CHD resultou em quatro classes contendo palavras com associação de alta significância. Essas palavras foram utilizadas para compor dicionário no MAXQDA, através da ferramenta MAXDictio, que permitiu a categorização temática dos segmentos de texto (nesse caso, parágrafos), a qual serviu de base para a leitura integral dos segmentos codificados e compreensão em profundidade acerca de cada classe.

RESULTADOS

A análise de similitude envolve a representação gráfica da coocorrência de palavras em mesmos segmentos de texto, demonstrando unidades centrais acompanhadas da aproximação gradual das palavras relacionadas, de acordo com a força dessa relação. A Figura 1 demonstra essa representação.

Figura 1 – Análise de similitude sobre ensino remoto na pandemia



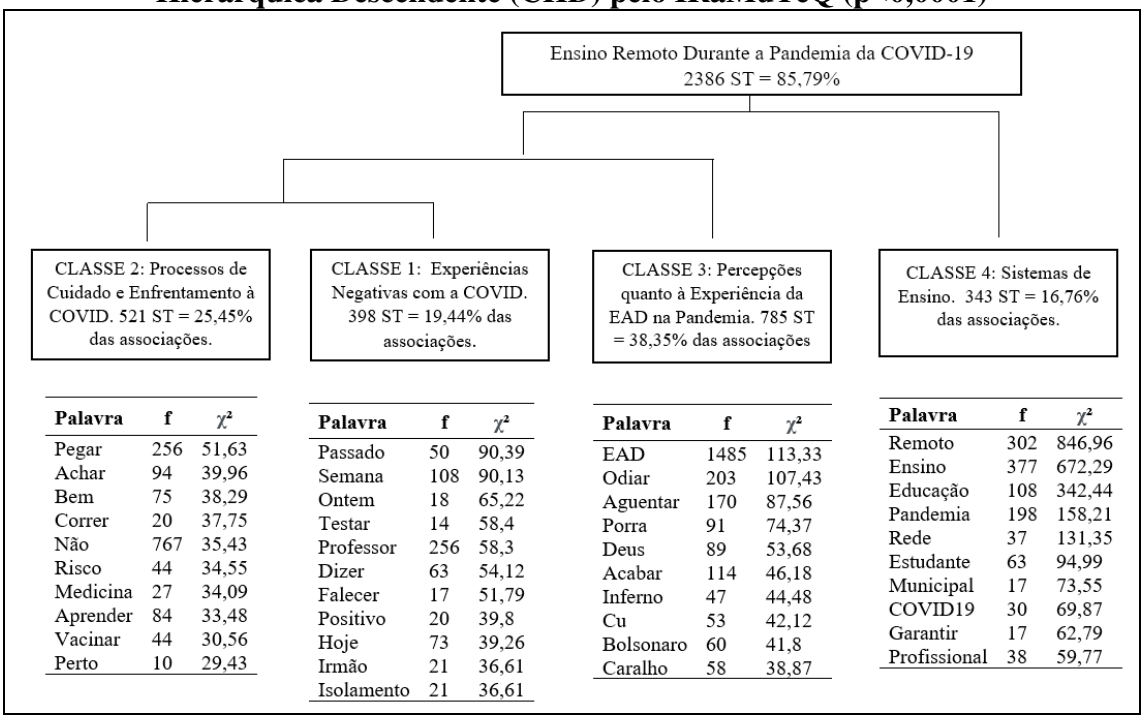
Fonte: Elaboração própria.

Nota-se a existência de três *clusters*, sendo dois significativos. O primeiro envolve a unidade "Covid", e é associado às palavras "estar", "aula", "morrer", "professor", "ainda", "pegar", dentre outras. Nesse agrupamento, denota-se a experiência e o receio do contágio do coronavírus. No segundo

cluster, centraliza-se a unidade “EAD” e predominam as palavras que denotam a experiência no processo educativo durante a pandemia, com destaque a palavras como “obrigar”, “formar”, “trabalho”, “estudar”, bem como termos empregados em contextos negativos como “aguentar”, “merda”, “conseguir”, “nunca” e “odiar”.

Para detalhamento, realizou-se o procedimento analítico denominado Classificação Hierárquica Descendente (CHD), através do qual foram analisados 2386 segmentos de texto (ST), correspondendo a 85,79% do total. A CHD gerou quatro classes, que representam aglomerados de palavras em função da similaridade de uso. Foi possível identificar que os tweets enquadrados na categoria principal "Ensino remoto durante a pandemia da COVID-19" foi primeiramente dividida em dois subcorpora: o primeiro incluía as classes 2, 1 e 3, e o segundo incluía a classe 4. O *software* diferenciou, então, o primeiro subcorpus em galhos distintos, separando as classes 1 e 2 (que apresentavam conteúdos semelhantes) da classe 3. A Figura 2 apresenta o dendrograma gerado, com nomeação atribuída às classes, indicação e frequência das palavras associadas a elas e valor de chi-quadrado.

Figura 2 - Resultados da análise pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD) pelo IRaMuTeQ (p<0,0001)



Palavra	f	χ^2
Pegar	256	51,63
Achar	94	39,96
Bem	75	38,29
Correr	20	37,75
Não	767	35,43
Risco	44	34,55
Medicina	27	34,09
Aprender	84	33,48
Vacinar	44	30,56
Perto	10	29,43

Palavra	f	χ^2
Passado	50	90,39
Semana	108	90,13
Ontem	18	65,22
Testar	14	58,4
Professor	256	58,3
Dizer	63	54,12
Falecer	17	51,79
Positivo	20	39,8
Hoje	73	39,26
Irmão	21	36,61
Isolamento	21	36,61

Palavra	f	χ^2
EAD	1485	113,33
Odiar	203	107,43
Aguentar	170	87,56
Porra	91	74,37
Deus	89	53,68
Acabar	114	46,18
Inferno	47	44,48
Cu	53	42,12
Bolsonaro	60	41,8
Caralho	58	38,87

Palavra	f	χ^2
Remoto	302	846,96
Ensino	377	672,29
Educação	108	342,44
Pandemia	198	158,21
Rede	37	131,35
Estudante	63	94,99
Municipal	17	73,55
COVID19	30	69,87
Garantir	17	62,79
Profissional	38	59,77

Fonte: Elaboração própria.

A Classe 1 representa “Experiências Negativas com a COVID-19”, abrangendo testagem positiva, falecimento, isolamento, adoecimento (ficar doente), internação e suspeita. A Classe 2 envolve “Processos de Cuidado e Enfrentamento à COVID-19”, como não correr risco, estar bem, confiar na medicina, e se vacinar. A Classe 3, mais frequente, agrega as “Percepções quanto à Experiência da EaD

na Pandemia". Classe 4 foi denominada "Sistemas de Ensino", e apresenta declarações que tematizam o contexto educacional no período da pandemia. Respeitou-se a numeração das classes conforme automação do *software*, porém optou-se neste artigo por iniciar a exposição pela Classe 4, por ser a mais independente das demais.

Classe 4: Sistemas de Ensino

Optou-se por apresentar esta classe primeiro, pois ela contextualiza o contexto no qual emerge o fenômeno estudado. Sobre esse aspecto, foi mencionado o desgaste dos professores no ensino remoto, relatos sobre ensino híbrido, e a possibilidade da conclusão do curso seguindo os métodos da EaD, apesar da expectativa de realização presencial. Os internautas relataram também as tentativas de realização de aulas presenciais e experiências de retorno ao ensino remoto diante da contaminação de professores. As condições de ensino são abordadas nessa categoria, como a disponibilidade de aparelhos tecnológicos e a qualidade da internet. O ensino remoto tem demonstrado representar não uma estratégia planejada, mas um recurso imposto que penetra o cotidiano dos estudantes muitas vezes como adicional, sem garantir o mesmo comprometimento que o ensino presencial. Ademais, há referências à desigualdade social que determina distintas formas de experimentação das estratégias de EaD durante o ERE.

Foram também relatadas experiências de dificuldades de docentes com pouca proficiência nas tecnologias, o que dificultava o exercício didático da docência. A COVID-19 adentra as aulas como tema ou como *background* da vida pessoal de estudantes e docentes, revelando uma impossibilidade em considerar a educação distanciada do contexto pandêmico. Foi também apontada a necessidade de investimento para garantir uma educação de qualidade durante a pandemia ao passo que é evidenciada a diferença entre o ensino presencial e a EaD, esta última vista como improvisada, principalmente pelos estudantes que tiveram experiências em mesmo nível de ensino com a modalidade presencial, a qual foi interrompida pelas condições sanitárias. Esses fatores caracterizam a EaD durante a pandemia, conforme ilustram os trechos em destaque:

> Aq, não fechou, mas to em EAD por causa, que em 15 dias de aula tiveram professores e funcionários com Covid-19. (Semana 1, *tweet* 2467).
>
> inclusive teve um dia que eu fiz o teste do covid assistindo aula (Semana 3, *tweet* 1204).
>
> tendo aula ead com a professora com suspeita e sintomas de covid, coitada. (Semana 5, *tweet* 2722).
>
> professor não dar mais aula só fala em covid já tá difícil EAD ainda complica (Semana 6, *tweet* 487).

> Quando eu finalmente posso ir pra escola minha mãe pega covid e temos que ficar isolados, eu não aguente mais ead pqp (Semana 9, *tweet* 2266).
>
> Surreal como parece que pegaram os piores professores da faculdade e colocaram no ead 😠😠😠😠😠 quero minha aula presencial de volta, vai embora covid (Semana 9, *tweet* 2603).
>
> As aulas na rede municipal de ensino atende todas as orientações do Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus (CEC). As aulas são realizadas em sistema híbrido, com parte dos alunos em atividades presenciais e parte em sistema remoto (Semana 17, *tweet* 2121).

Ainda nessa categoria, há relatos críticos à não realização de ensino presencial, sendo os professores acusados de não quererem executar suas funções, atrasando a retomada das atividades:

> Kkkkkkkk eu fico puto como q esse povo n entende como q gira o mundo. Convenhamos que por agora, não tem aula pq ngm quer trabalhar né... Voltaram as aulas do primário e n teve 1 surto de covid. A educação n vale o esforço mais (Semana 17, *tweet* 1757).

Classe 1: Experiências Negativas com a COVID-19

Nessa categoria foram reunidos relatos sobre experiências negativas com a COVID-19, o que incluiu o adoecimento e falecimento de pessoas próximas, como familiares e docentes. A leitura das postagens sobre essa temática revela uma proximidade entre os estudantes e a realidade vivenciada durante a pandemia, o luto direto e a necessidade de reorganizar suas rotinas em detrimento de mudanças decorrentes do adoecimento e falecimento de outros significativos. A escolarização, portanto, não pode ser compreendida sem observar as condições de saúde da população e suas reverberações. Os trechos em destaque ilustram esse cenário:

> tem crianças de luto pq os pais morreram de covid, outras q a mãe trabalha e fica sem celular, outra q tem q dividir com os irmãos, uma sem internet... (Semana 18, *tweet* 111).
>
> Pessimo a semana toda com o trampo, pessimo a semana toda com essa merda de ead que vai começar, pessimo a semana toda cmg msm, monte de trem ai dando errado e ainda recebo a notícia que minha vó acaba de falecer por covid mano (Semana 16, *tweet* 1291).
>
> minha professora pegou covid e suspendeu todo segundo e terceiro ano e vamos de ead novamente (Semana 14, *tweet* 2690).

Classe 2: Processos de Cuidado e Enfrentamento à COVID-19

Essa classe foi constituída de referências sobre cuidados em relação à COVID-19. Somam-se críticas ao retorno das atividades presenciais sem a vacinação em massa e a defesa da testagem da comunidade acadêmica. Esses cuidados por vezes eram mencionados para além do contexto

educacional, associados a alterações no cotidiano dos usuários da rede social, reflexo de experiências negativas (algum familiar contrair ou falecer de COVID-19), e mesmo comemoração com a melhora no cenário de vacinação e no quadro epidemiológico. Ademais, observou-se uma relação entre a possibilidade de realização de atividades presenciais conforme os cuidados fossem expressos, seja ainda durante a pandemia, ou como ações necessárias para uma possibilidade de realização segura de atividades no futuro próximo. Os usuários parecem associar o ERE a uma prática de cuidado para evitação da contaminação, especialmente pela desconfiança quanto à adesão aos protocolos de segurança nas instituições de ensino, embora não ignorem as dificuldades provenientes do modelo:

> Duas professoras da creche onde minha filha está matriculada estão com covid. A creche ficará fechada por 10 dias. Ainda bem que minha filha está no ensino remoto... e ainda tem gente que acha seguro (Semana 12, *tweet* 1772).
>
> Eu tava de EAD até hj, amanhã minhas aulas presenciais voltam só que eu só vou amanhã pq dps eu vou optar fazer só EAD, Deus me livre de ir pra escola sendo que aq ninguém usa máscara direito, pra pegar covid é daq pra ali (Semana 10, *tweet* 181).
>
> Dois dias de aula em #Araxá e já teve professora de escola infantil particular positiva pra #Covid! Isso mesmo: volta as aulas sem vacinar todo mundo antes, volta! Tá falando pra manter ensino remoto e vocês tão insistindo em mandar menino pra escola. (Semana 18, *tweet* 2448).
>
> ela ficou super preocupada de eu ter pego esse covid q matou o meu avô, ela n dormiu super apreensiva e ela tem todo direito de me pedir pra evitar encontros mesmo q for para estudar e tal, internet tá ai e ainda se recusa a me ajudar a estudar por meio ead por birra (Semana 17, *tweet* 550).

Classe 3: Percepções quanto à Experiência da EaD na Pandemia

Este agrupamento reúne as expressões que mais predominaram dentre os tweets analisados. Nesta categoria, confundem-se as manifestações aversivas quanto à COVID-19 e quanto ao modelo remoto de ensino, especialmente aquelas marcadas pela palavra “odiar” e suas formas. A leitura dos tweets demonstra que a experiência com a EaD na pandemia é percebida como negativa. Palavrões, associações entre as dificuldades e as ações do Governo Federal (descaso sanitário, baixa cobertura vacinal, incentivo à flexibilização dos protocolos de segurança), e a expressão “não aguento mais” foram correlacionados à EaD. Além do mais, a pandemia é entendida como agravante às desigualdades sociais, o que se evidencia na educação:

> famílias com o ead é um problema que no fundo todos temos ciência. A Covid-19 deixou escancarado a desigualdade social e de acesso a tecnologias, o que na área da Educação causa um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer (Semana 18, *tweet* 2862).

A análise dos tweets demonstra ainda percepções negativas quanto: A) ao formato a distância, especialmente diante da expectativa de realização de um curso presencial; B) ao método utilizado por professores, não satisfazendo os discentes; C) à carga de atividades realizadas na EaD; D) à dificuldade em apropriação do saber construído pelo modelo remoto; ao acúmulo de demandas psíquicas vivenciadas, incluindo desafios provenientes do contexto pandêmico em paralelo à educação; E) à coocorrência de transtornos e sintomas, como estresse, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), depressão e ansiedade, que interferem na aprendizagem e são potencializados no formato EaD; F) à pouca proximidade e socialização com colegas, principalmente quando o estudante iniciou os estudos já no modelo remoto; G) ao acúmulo dos desafios inerentes à pandemia aliado às dificuldades com o processo educacional; H) Aos impactos do uso excessivo de tecnologias, especialmente as telas e as condições ergonômicas associadas ao tempo e à posição de assistir às aulas. O Quadro 1 ilustra relatos de cada percepção mencionada.

Quadro 1 – principais percepções sobre experiência da EaD na pandemia da COVID-19

Percepção	***Tweet* exemplo**
A: Modelo	Foi culpa dele mesmo, se o arrombado tivesse tido preocupação real com o covid meu terceiro ano não tinha sido todo EAD e eu ia ter aprendido algo (Semana 5, *tweet* 2819).
B: Método/ didática	E agora tem mais o problema da pandemia! a forma que os professores estão ensinando não é ead, é uma gambiarra feita de última hora pra melhorar a situação do covid e nada foi feito pensando na saúde mental dos alunos (Semana 13, *tweet* 2206).
C: Sobrecarga	O EAD - Estresse a distân-, ensino à distância, vem sendo um grande meio de ajuda as escola no período do Covid-19...sqn. Nesse período todos estão muito sobrecarregados, tanto os professores, QUANTO PRINCIPALMENTE OS ALUNOS (Semana 14, *tweet* 196)
D: Aprendizado	Vou ser sincero, tô completamente fudido com esse covid. Provavelmente eu vou me formar pela plataforma EAD, e infelizmente eu funciono melhor no tranco, então eu assumo, durmo na maioria das aulas (Semana 9, *tweet* 2766).
E: Saúde mental	Tá difícil, ainda mais que tá EAD por causa da Pandemia, poxa eu tenho déficit de atenção, não dá pra fazer aula online não.....to de boa, do nada já me distraí, e arquitetura não foi feito pra aprender online, quero pedir o impeachment do Covid-19 (Semana 13, *tweet* 2539).
F: Socialização	Não sei se volto pra presencial ou não. O EAD tá me desgastando pra caralho, mas além do medo de pegar covid ainda eu não conheço ninguém da minha sala (Semana 9, *tweet* 2679).
G: Acúmulo de desafios	Gente eu não aguento mais, covid, lockdown, DEZ HORAS DE EAD na terça e quinta, minha casa que nao fica pronta, saudade da minha amada, NINGUEK AGUENTA MAIS GENTE (Semana 2, *tweet* 333).
H: Uso da tecnologia	acordei agora e tô com uma dor de coluna insuportável, sério tô pra chorar de dor aqui, provavelmente por causa do tempo sentada em cadeira ruim no ead... meu deus que falta que faz uma academia senhor Jesus coronavírus te odeio (Semana 4, *tweet* 2132).

Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO

Revelou-se amplo discurso entre os participantes acerca da organização do sistema de ensino brasileiro durante a pandemia. O ensino remoto torna-se realidade e as aulas tais quais a maior parte dos

estudantes estava familiarizada têm suas configurações reordenadas. Autores como Vladova *et al*. (2021) enfatizaram a potencialidade do uso de ferramentas virtuais para facilitação da aprendizagem. Entretanto, essa temática não foi extensamente identificada nos dados acessados. Por outro lado, constatou-se o estranhamento com o método e até a preocupação com as redes municipais de educação, que representavam um cenário de risco de contágio (caso houvesse atividades presenciais) e de precarização dos serviços por falta de estrutura (com atividades remotas).

De fato, a realidade do ensino público foi mais impactada com as mudanças decorrentes da pandemia (ARRUDA, 2020). Parte dos municípios adotou métodos off-line de EaD, como a impressão das atividades e as transmissões de rádio e TV, devido à dificuldade de conexão dos estudantes com a internet. As desigualdades sociais e o descaso com a educação pública geraram terreno para o vislumbre de variados modelos de ensino não presencial, definidos não apenas pelos métodos e ferramentas adotados, mas também pela capacidade técnica, recursos e agilidade de resposta das instituições.

Por fim, observou-se que o contexto educacional foi via de penetração da pandemia na realidade dos estudantes, pois houve variados relatos sobre docentes, discentes e funcionários contaminados. Nesse sentido, estudos no âmbito da saúde comprovam o risco de transmissão da COVID-19 na comunidade escolar, especialmente pelo caráter de compartilhamento que as instituições educacionais possuem (GARZONI; LEMOS; COSTA, 2020).

Ao narrarem experiências e percepções sobre a EaD durante o ERE, os usuários do Twitter incluíram o impacto negativo da doença em suas vidas e a busca pelo cuidado. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), o país fechou junho de 2021 com 17.374.818 infecções e 486.272 óbitos confirmados por COVID-19 acumulados desde o início da pandemia. Em revisão sistemática feita com estudos que tematizavam o luto, Carvalho *et al*. (2021) identificaram que as perdas recorrentes frequentemente desencadeiam estados patológicos, e a população jovem foi mais prejudicada nesse aspecto. Ademais, o medo e a ansiedade gerada pelo desconhecimento acerca dos efeitos da doença e os impactos psicológicos do isolamento social devem ser levados em consideração (CRP-03, 2021), e atravessam as múltiplas dimensões da vida humana, incluindo a educacional.

Por outro lado, o isolamento social e a vacinação iniciada e expandida em 2021 no Brasil produziram relatos sobre cuidados. Experiências de adoecimento de estudantes e equipe pedagógica tensionaram relatos que associavam os métodos adotados durante o ERE a uma estratégia de proteção. Por outro lado, autores questionam a prerrogativa de precarização universitária tensionada pelo ERE (SOARES; SILVA, 2020), a banalização do ensino descontextualizado e inadaptado ao modelo a distância (JACINTO, 2021) e os impactos secundários à saúde mental discente e docente decorrente desse contexto educacional (PEREIRA; SANTOS; MANETI, 2020).

A avaliação das percepções dos estudantes sobre a EaD na pandemia da COVID-19 pode auxiliar na compreensão dos processos de adesão, engajamento e permanência dos discentes nas atividades educacionais. Observou-se uma predominância de associações negativas à experiência da EaD durante a pandemia. Os participantes relataram queixas ao método, incluindo dificuldades de socialização e aprendizado por conta do ERE. Associaram também maiores dificuldades para assimilar conhecimentos, além de pontuarem demandas de saúde mental que agravavam os impasses na aprendizagem. Ademais, a pandemia expressou desafios, como novas rotinas e necessidade de imersão em novas ferramentas tecnológicas que foram entendidas como agravantes no aproveitamento da EaD.

Fiuza e Sarriera (2013) afirmam que o papel de aluno é estressante e carrega adversidades para a conclusão dos seus objetivos. Torna-se, portanto, mandatário que indivíduos nessa condição desenvolvam estratégias para persistir na trajetória educacional (KEMP, 2002; BROADBENT; POON, 2015). Esta pesquisa não permitiu identificar quais estratégias têm sido postas, porém revelou que, além dos estressores inerentes à condição de aluno em contexto corriqueiro, a pandemia determina um conjunto mais amplo de adversidades. Essas adversidades, por vezes, não compõem o cenário educacional, mas nele penetram e ameaçam a permanência estudantil. De acordo a Unicef (2021), em outubro de 2020 havia 3,8% dos indivíduos brasileiros em idade escolar (6 a 17 anos) que não frequentavam a escola. Esse dado destoa da média de 2019, que indicava 2% de crianças e adolescentes nesse perfil. O mesmo documento demonstra que 11,2% do total de estudantes identificados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) não tiveram acesso às atividades escolares na pandemia.

No estudo realizado por Fiuza e Sarriera (2013), as atitudes docentes, qualidade das atividades, motivação extrínseca, material didático, questões afetivas e aspectos referentes às aulas foram fatores associados à permanência estudantil. Observa-se, portanto, que a pandemia acarretou prejuízos em grande parcela desses fenômenos, especialmente quando considerada a educação básica pública. Em contrapartida, o mesmo estudo apresenta o uso da tecnologia e a possibilidade de flexibilização, bem como adoção de recursos interativos, como fatores contribuintes para a permanência discente (FIUZA; SARRIERA, 2013). Na análise dos tweets coletados nesta pesquisa, esses elementos representam – em sua maioria – fatores dificultadores e desmotivantes.

O conjunto de fatores referentes à vivência na pandemia e na adoção dos métodos da EaD durante o ERE demonstrado no Quadro 1 sugerem que fatores objetivos (como interferência na rotina, disponibilidade, adoção e conhecimento acerca de ferramentas digitais) interferem na possibilidade de adesão do estudante às atividades educacionais propostas durante a pandemia. Esses aspectos levam a autores como Saviani e Galvão (2021) a associarem a EaD a uma falácia, pois em essência é impossível de ser cumprida na realidade brasileira. Suspensão massiva das aulas, descaso do governo,

favorecimento da mercantilização da educação (salas superlotadas e predomínio de atividades assíncronas), exclusão tecnológica, dentre outros, são apontados como base estruturante para essa situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar as manifestações na rede social Twitter acerca da experiência da educação a distância (EaD) durante da pandemia da COVID-19. Através do auxílio do IRaMuTeQ, gerou-se quatro classes de análise que categorizavam o discurso composto por 2.917 tweets que tinham como conteúdo o tema deste estudo.

O estudo demonstrou que os participantes demonstram conhecimento e preocupação com a mudança no cenário de ensino e os impactos que o ERE gerou nos estabelecimentos educacionais e métodos de aula. Observou-se que os relatos não dissociavam a experiência educacional dos desafios inerentes ao enfrentamento das condições de saúde. Luto, adoecimento físico e mental, mudança na rotina e isolamento social se mesclavam com as demandas acadêmicas.

Constatou-se também a relação estabelecida entre o ERE e o cuidado necessário à saúde durante a pandemia. Porém, destacou-se um conjunto de desafios e experiências negativas relacionadas ao processo educacional no cenário pandêmico, como: não adesão ao modelo, problemas com métodos e didática, sobrecarga, dificuldades de aprendizado, falta de saúde mental, pouca socialização, problemas de acesso e manejo de tecnologias e acúmulo de demandas educacionais e da vida cotidiana.

Os resultados sugerem que a adesão à educação durante o período pandêmico não deve ser entendida a partir de um viés individualista, centrado em aptidões e interesses pessoais. Para estabelecer esta análise, deve-se confrontar as problemáticas concretas vivenciadas pela população educanda, incluindo fatores relacionados à subjetividade e à dimensão socioeconômica, com a possibilidade de permanecer e concluir as atividades educacionais. Por outro lado, as estratégias adotadas pelos sistemas públicos e privados de ensino parecem centralizar a solução dos desafios da educação durante a pandemia na alteração do modelo (do presencial para remoto), o que não contempla a complexidade observada.

Este estudo contribuiu com o campo ao propor uma análise de processos educacionais com base em discursos que transitam redes sociais, espaço cada vez mais acessado por estudantes de todas as faixas etárias. Acresce-se a isso, a utilização do *software* lexicométrico que concede objetividade estatística ao material analisado.

Porém, é fundamental apontar um conjunto de limitações. Apesar da limpeza realizada no *corpus*, pode haver postagens não originárias de usuários padrões, como propagandas e notícias. Entretanto, sua presença impactou significativamente nas análises automáticas e manuais realizadas através do processo metodológico seguido. Outro problema nesse âmbito se refere à alta heterogeneidade da amostra, já que não é possível separar estudantes da educação básica e superior, cursos de origem, ou mesmo se os autores são docentes ou discentes. Portanto, sugere-se a realização de novos estudos na área, visto que a o ERE gerou extensas modificações nas instituições públicas e privadas no Brasil, ampliando a adoção de elementos da EaD nos processos educacionais.

REFERÊNCIAS

ADNAN, M.; ANWAR, K. "Online Learning amid the COVID-19 Pandemic: Students' Perspectives". **Online Submission**, vol. 2, n. 1, 2020.

ARRUDA, E. P. "Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19". **EmRede - Revista De Educação a Distância**, vol. 7, n. 1, 2020.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico n. 67**: Boletim COE Coronavírus. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <www.saude.govol.br>. Acesso em: 10/11/2022.

BRASIL. **Portaria n. 343, de 17 de março de 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <www.saude.govol.br>. Acesso em: 10/11/2022.

BROADBENT, J.; POON, W. "Self-regulated learning strategies & academic achievement in online higher education learning environments: A systematic review". **Internet and Higher Education**, vol. 27, 2015.

CARPENTER, J. *et al*. "Exploring the landscape of educator professional activity on Twitter: an analysis of 16 education-related Twitter hashtags". **Professional Development in Education**, vol. 48, n. 5, 2022.

CARVALHO, A. F. M. *et al*. "Perdas, mortes e luto durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática". **Brazilian Journal of Development**, vol. 7, n. 9, 2021.

CASTRO, E. A.; QUEIROZ, E. R. "Educação a distância e ensino remoto: distinções necessárias". **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, vol. 2, n. 3, 2020.

D'ÁVILA, C.; MACHADO, R.; RADEL, D. "O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19". **Revista Cocar**, n. 9, 2021.

FIUZA, P. J. "Adesão e permanência discente na educação a distância: investigação de motivos e análise de preditores sociodemográficos, motivacionais e de personalidade para o desempenho na modalidade". Portal Eletrônico **UFRGS** [2012]. Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: 10/11/2022

FIUZA, P. J.; SARRIERA, J. C. "Motivos para adesão e permanência discente na educação superior a distância". **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 33, n. 4, 2013.

FONSECA, C.; FERNANDES, C. C. "Educação Presencial versus EaD: Perspectivas dos Alunos dos Cursos de Serviços Públicos e Administração". **EaD em Foco**, vol. 7, n. 2, 2017.

GARZONI, L. R.; LEMOS, E. R. S.; COSTA E. A. **Sugestões para a implementação do Plano de ação para a redução dos riscos de transmissão da COVID-19 na escola**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

GIOLO, J. "Educação a distância no brasil: a expansão vertiginosa". **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, vol. 34, n. 1, 2018.

GORDEEVA, I. "Distance educational process at the university: advantages, problems and opinions of students". **Азимут научных исследований: педагогика и психология**, vol. 10, 2021.

HABOWSKI, A. C.; BRANCO, L. S. A.; CONTE, E. "Evasão na EAD: perspectivas de prevenção". **Perspectiva**, vol. 38, n. 3, 2020.

HARGAŠ, J.; MATISKOVÁ, D.; HARGAŠ, B. "Distance Education through Information and Communication Technologies". **R&E-SOURCE**, vol. 10, 2023.

JACINTO, P. M. S. "Relato de experiência sobre estágio básico em psicologia social no modelo de ensino remoto emergencial". **Revista Cenas Educacionais**, vol. 4, 2021.

KEMP, W. "Persistence of adult learners in distance education". **American Journal of Distance Education**, vol. 16, n. 2, 2002.

LEITÃO, H. V. *et al*. "A educação a distância e a experiência de um centro universitário". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 16, n. 46, 2023.

LIMA, A. A. S.; SOUZA, F. S.; OLIVEIRA, H. V. "Educação a distância no IFRR / Campus Boa Vista Zona Oeste: entre os desafios práticos e as perspectivas em tempos de COVID-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 15, 2021.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. "Orçamento de Guerra no enfrentamento à COVID-19: entre manobras parlamentares e batalhas políticas". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

MÉDICI, M. S.; TATTO, E. R.; LEÃO, M. F. "Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus". **Revista Thema**, vol. 18, 2020.

NASCIMENTO, P. M. *et al.* **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. Brasília: Ipea, 2020.

OLIVEIRA, H. F. M.; SILVA, R. F.; PEREIRA, V. A. "Ways of learning in times of pandemic: Deficiencies and the importance of digital inclusion for public school students". **Research, Society and Development**, vol. 10, n. 7, 2021.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. "Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 9, 2020.

REDIG, A. *et al*. "Formação Continuada Docente em EaD em Tempos de Pandemia: Contribuições para a Prática Pedagógica na Perspectiva da Educação Inclusiva". **EaD em Foco**, vol. 10, n. 3, 2021.

RIBEIRO JUNIOR, M. C. *et al*. "Ensino remoto em tempos de covid-19: aplicações e dificuldades de acesso nos estados do Piauí e Maranhão". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 9, 2020.

SANTOS, H. M. R. "Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspetivas dos docentes portugueses". **Praxis Educativa**, vol. 15, 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. "Educação na pandemia: a falácia do "ensino" remoto". **Universidade e Sociedade**, n. 67, 2021.

SILVA, E. M. A. **Levantamento de percepções de estudantes de graduação sobre as modalidades de ensino presencial e online** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Engenharia de Produção). Rio de Janeiro: UFF, 2020.

SILVA, M. J. S.; SILVA, R. M. "Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: Desafios e Desencontros". **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. João Pessoa: UEPB, 2020.

SINNENBERG, L. *et al*. "Twitter as a Tool for Health Research: A Systematic Review". **American Journal of Public Health**, vol. 107, n. 1, 2017.

SIT, J. W. H. *et al*. "Experiences of online learning: students' perspective". **Nurse Education Today**, vol. 25, n. 2, 2005.

SOARES, R. A.; SILVA, G. A. "Regulamentos da EaD no Brasil e o Impacto da Portaria Nº 343/2020 no Ensino Superior". **EaD em Foco**, vol. 10, n. 3, 2020.

SOUSA, Y. S. O. "O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas". **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 21, n. 4, 2021.

UDDIN, M. M.; IMRAN, M.; SAJJAD, H. "Understanding Types of Users on Twitter". **arXiv**, vol. 1, 2014.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. "Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro". **UNICEF** [2021]. Disponível em: <www.unicef.org>. Acesso em: 11/01/2024.

VAN WART, M. *et al*. "Integrating students' perspectives about online learning: a hierarchy of factors". **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, vol. 17, n. 1, 2020.

VITÓRIA, M. I. *et al*. "Engajamento acadêmico: desafios para a permanência do estudante na Educação Superior". **Educação**, vol. 41, n. 2, 2018.

VLADOVA, G. *et al*. "Students' Acceptance of Technology-Mediated Teaching – How It Was Influenced During the COVID-19 Pandemic in 2020: A Study From Germany". **Frontiers in Psychology**, vol. 12, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 17 | Nº 51 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima